

D. CONSTANÇA MANUEL RELIDA PELA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin*

 <https://orcid.org/0000-0002-4803-9321>

Alleid Ribeiro Machado**

 <https://orcid.org/0000-0001-9359-532X>

Como citar este artigo: CORRADIN, F. M. F. S.; MACHADO, A. R. D. Constança Manuel relida pela literatura de autoria feminina. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 1-10, maio/ago. 2022. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLT15172

Submissão: junho de 2022. **Aceite:** junho de 2022.

Resumo: Este artigo, de caráter bibliográfico, intenta resgatar a personagem Constança Manuel, trazendo para a discussão nomeadamente textos literários de autoria feminina que dialogam com a construção histórica que a manteve à margem dessa mesma História. Para tanto, a fim de empreendermos essa descrição bibliográfica, consideraremos algumas perspectivas contemporâneas em torno do feminino, sem descartar pontos de vista consagrados pelo discurso historiográfico de séculos passados, já que estamos distantes do tempo constituído pela história da personagem há quase sete séculos.

Palavras-chave: Constança Manuel. Personagem histórica. Autoria feminina. Literatura portuguesa. Discurso historiográfico.

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* corradin@usp.br

** Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. *E-mail:* alleid@alumni.usp.br

*Tornei-me uma sombra do meu destino.
Figurarei como uma sombra na História de Portugal.
Outra brilhará, quem sabe.*
Isabel Machado

■ Há 666 anos, o mito inesiano é um dos temas mais tratados quando se pensa em cultura portuguesa, uma vez que diferentes formas do conhecimento o consideraram e consideram sob perspectivas diversas. O protagonismo desta investigação recai, no mais das vezes, sobre D. Pedro I, de Portugal, e D. Inês de Castro, com quem aquele manteve um relacionamento amoroso por longos anos. A figura de D. Constança Manuel vem sendo, ao longo da História, relegada a segundo plano. Este artigo intenta resgatá-la, trazendo para a discussão textos literários que dialogam com a construção histórica que a manteve à margem dessa mesma História.

Para tanto, consideraremos aspectos que envolvem a óptica intertextual, aliada a outras perspectivas contemporâneas, como os estudos de gênero, sem esquecer pontos de vista consagrados pelo discurso historiográfico de séculos passados, já que estamos distantes do tempo constituído pelo mito há quase sete séculos.

Os textos a serem examinados trazem a figura de Constança Manuel para a ribalta, às vezes, como coprotagonista da obra, como podemos observar em *Agnes de Castro, or, the force of generous love* (1688), de Aphra Behn¹, e em *Noites de Inês-Constança* (2005), de Fiana Hasse Pais Brandão². Outras vezes, observamo-la como protagonista da história, como notamos em “Constança Manuel”, conto publicado no livro *Infantas de Portugal* (1998), de Júlia Nery³, e em *Constança: a princesa traída por Pedro e Inês* (2015), de Isabel Machado⁴. É importante também nos lembrarmos da peça de teatro *Ignez de Castro* (1894), de Maximiliano de Azevedo⁵, em cujo prólogo se destaca a personagem de D. Constança Manuel.

CONSTANÇA NA HISTÓRIA

Oriunda de uma família das mais prestigiadas em Castela, D. Constança, nascida à volta de 1316-1318, era filha de um nobre castelhano detentor de muitas posses e de enorme poder político, João Manuel, e de Constança de Aragão, filha de Jaime II, de Aragão, e de sua segunda esposa, Branca d’Anjou. Ainda menina, com cerca de sete anos de idade, foi prometida a casamento, por palavras de futuro, a João, o Torto, de quem ficou “viúva” tempos depois, antes de ter consumado o casamento, uma vez que o noivo conspirara em aliança com o sogro contra Afonso XI, de Castela, que o assassinou.

1 Aphra Behn (*Harbledown?, Kent, 10 de julho de 1640/+Londres, 16 de abril de 1689) foi uma poetisa, dramaturga, tradutora e autora de ficção inglesa. Provavelmente, a primeira autora profissional inglesa, quebrando barreiras culturais e servindo como modelo literário para gerações posteriores de mulheres escritoras, como, por exemplo, Virginia Woolf.

2 Fiana Hasse Pais Brandão (*Lisboa, 15 de agosto de 1938/+ Lisboa, 19 de janeiro de 2007) foi uma premiada escritora, poetisa, dramaturga, ensaísta e tradutora portuguesa.

3 Júlia Nery (*Lisboa, 28 de outubro de 1939) foi professora do ensino secundário e deputada à Assembleia Municipal. Dedicou-se à literatura desde 1984.

4 Isabel Machado nasceu em Lisboa. Foi professora e tradutora. Desde 2012, vem dedicando-se à literatura, nomeadamente ao romance histórico, focada em personagens históricas femininas.

5 Maximiliano Eugénio de Azevedo (*Funchal, 16 de fevereiro de 1850/+ Lisboa, 3 de dezembro de 1911) foi um militar, jornalista, dramaturgo e crítico teatral português.

Nesse contexto, acordaram, então, o segundo contrato nupcial da ainda pequena Constança. Agora, o noivo seria o próprio Afonso XI. Entretanto, o rei de Castela a preteriu em favor de Maria, de Portugal, filha de Afonso IV e Beatriz, ambos de Castela, união que lhe pareceu mais vantajosa naquele momento. Assim, nenhum dos dois matrimônios de Constança foram consumados, embora a menina permanecesse sob posse do rei castelhano, que a manteve presa durante oito anos em seus domínios.

Em 1336, João Manuel e Afonso IV, de Portugal, contrataram o matrimônio de Constança com o infante D. Pedro, casamento que teria sido apoiado por Afonso XI, embora ele a impedisse de partir para Portugal. No âmbito da Reconquista, sem a adesão dos outros reinos cristãos que compunham a Península Ibérica, Afonso XI trocou D. Constança Manuel pelo apoio do rei português. Assim, em 1340 a nubente foi trasladada para Portugal, onde se realizou a cerimônia religiosa de seu casamento com o infante português, em 24 de agosto, na Sé de Lisboa. Da união nasceram três crianças: Luís, falecido poucos dias após seu nascimento; Maria, Infanta de Portugal; e Fernando, que se tornaria o nono rei de Portugal.

Duas hipóteses para a morte de Constança têm sido aventadas: teria falecido em 1345, em decorrência do parto de seu último filho, Fernando; ou, em 1349, conforme a historiografia atual aponta, vitimada pela peste. Do séquito de D. Constança Manuel, como sabemos, fazia parte a galega D. Inês de Castro, prima de Constança, que se tornaria amante de D. Pedro.

Embora tenhamos traçado um percurso bastante resumido, tudo o que mais se sabe da vida de Constança Manuel está intimamente ligado aos seus infortúnios, gerados, na maioria das vezes, pela posição de seu poderoso pai, que a usou como moeda em troca de poderio político e/ou econômico, ou ainda pela infidelidade dos maridos.

Essas informações deixam patente a ideia veiculada na contemporaneidade acerca de que as lacunas deixadas pela História, nomeadamente a História preterita, devem ser preenchidas com o apoio da historiografia contemporânea, de modo a resgatar-lhe os vácuos deixados pelo tempo, com o apoio de outros saberes. Assim, a vida de D. Constança Manuel acaba por constituir-se num conjunto de oportunidades para o universo artístico, contribuindo para a rede historiográfica, já que trabalha essencialmente com o verossímil, isto é, com aquilo que poderia ter acontecido, na medida em que aristotelicamente mimetiza a realidade histórica.

Diante do exposto, este trabalho objetiva dar a conhecer alguns dos textos que, de forma mais ou menos livre, vão preencher as lacunas deixadas pela História, de modo a retirar D. Constança Manuel da sombra do contexto em que deveria emergir.

CONSTANÇA NA LITERATURA

Em *Agnes de Castro, or, the force of generous love* (1688), Aphra Behn dedica especial atenção à figura de D. Constança Manuel, ambientando-a nos dias que sucederam ao nascimento de seu terceiro filho, D. Fernando, até a morte dela, ocorrida, segundo a narrativa, pouco tempo depois, nessa perspectiva.

No entanto, a autora deixa entrever que a morte da infanta foi consequência de seu amor por Pedro, uma vez que seu passamento deixaria caminho livre

para que o viúvo vivesse seu verdadeiro amor por D. Inês de Castro. A narrativa acaba por construir personagens distintas dos paradigmas que costumamos ver no mito inesiano, ao configurar-se repleta de recortes que fogem do lugar-comum, com a inclusão de personagens, cartas e conluios. Constança é descrita a partir de sua extrema beleza, inteligência e generosidade, como deixa patente o excerto abaixo:

A princesa Constança tinha beleza, inteligência e generosidade, na medida do possível para uma mulher possuir; somente por seu mérito D. Pedro deve ter-se ligado a ela, eternamente; e certamente ele tinha por ela uma estima, além de tão grande respeito, que poderia muito bem passar por amor para aqueles que não tinham uma observação precisa e curiosa: mas, ai! Seu verdadeiro cuidado foi reservado para outra beleza (BEHN, 1688, n. p., tradução nossa)⁶.

Sua sagacidade acabou por fazê-la perceber que o infante não a amava e dividia sua dor com a aia e amiga Inês de Castro. A galega, concebida pela autora, desenvolve as mesmas características da ama. Ambas são, portanto, a encarnação do protótipo da mulher-anjo, que tudo fazem para verem a felicidade da outra, como também, a do amado, conforme podemos perceber a partir da descrição da Inês behniana:

Esta donzela, tão querida da princesa, mereceu muito bem a preferência que a senhora lhe deu; ela era linda demais, sábia, discreta, espirituosa, e tinha mais ternura por Constança do que por si mesma, tendo abandonado sua família, que era ilustre, para se entregar totalmente ao serviço da princesa e segui-la para Portugal. Foi no seio dessa donzela que a princesa descarregou seus primeiros gemidos; e a encantadora Inês não esqueceu nada que pudesse aliviar seu aflito coração (BEHN, 1688, n. p., tradução nossa)⁷.

Pode-se traçar um paralelo entre o livro de Aphra Behn, escrito ainda no século XVII, e uma peça de teatro, intitulada *Ignez de Castro* (1894), de Maximiliano de Azevedo, em relação à construção ficcional de Constança Manuel. A peça estrutura-se em torno de cinco atos, promovendo um transcorrer temporal de cerca de 16 anos. No primeiro ato, organizado como uma espécie de prólogo, contracenam personagens históricas e ficcionais e é aí que vemos Constança, que vem a falecer no final do ato. O diálogo entre a infanta e a aia, bem ao gosto do Oitocentos, dá-nos a conhecer duas mártires românticas, que acabam morrendo pelo amor de um mesmo homem. Abaixo, transcrevemos alguns trechos da peça, para ilustrar essa premissa⁸.

Ignez

Oh! Snr.a infanta, pelo amor dos vossos filhos! Pois vós, sempre boa e compassiva...

6 No original: "The Princess Constantia had Beauty, Wit, and Generosity, in as great a measure as 'twas possible for a Woman to be possess with; her Merit alone ought to have attach'd Don Pedro, eternally to her; and certainly he had for her an Esteem, mix'd with so great a Respect, as might very well pass for Love with those that were not of a nice and curious Observation: but alas! his real Care was reserved for another Beauty".

7 No original: "This Maid, so dear to the Princess, very well merited the Preference her Mistress gave her; she was beautiful to excess, wise, discreet, witty, and had more Tenderness for Constantia than she had for herself, having quitted her Family, which was illustrious, to give herself wholly to the Service of the Princess, and to follow her into Portugal. It was into the Bosom of this Maid, that the Princess unladed her first Moans; and the charming Agnes forgot nothing that might give ease to her afflicted Heart".

8 Mantivemos a grafia da transcrição conforme o original.

Constança

(Insistindo) *Pedro tem um gênio fogoso, terrível...*

Tu conseguirás abrandal-o, para que só apareça o que há de bom e grande em seu caráter!

Ignez

Vós, senhora, vós é que...

Constança

O amor, só o amor! (Insistindo). Podes fazel-o feliz!

Ignez

(Arredando-se e contorcendo as mãos) Antes a vossa ira do que essa compaixão!...

Constança

(Erguendo-se um pouco para o lado de Ignez, amparada ao braço da cadeira.) Pois não vês que perdi o que é mesquinho na essência humana? Se já nem tenho ciúme! Olha que pedidos dos moribundos devem cumprir-se. (A custo, baixinho) Ama-o! (Com o esforço que fez, cai prostrada na cadeira. Torna a fechar os olhos e descai a cabeça no espaldar) (AZEVEDO, 1908, p. 34-36).

Se no início da cena XI, do ato I, Constança Manuel se mostra raivosa e ciumenta em relação à rival, paulatinamente esse sentimento vai-se diluindo e retorna a mulher anjo, boa, pura de alma e de coração, na medida em que reconhece que só Inês pode fazer a felicidade de Pedro:

Constança

Sei que a injúria mais atroz, és tu que m'a fazes, tu a minha parenta, a minha amiga...tu que me seguiste a um paiz estrangeiro, para que, nas horas em que me fosse mais cruel a saudade, vendo-te e ouvindo-te, eu sentisse ao pé de mim a pátria distante. Bem hajjas, Ignez de Castro, por todo o bem que me fazes! (Pára, arquejante...)

Ignez

Crede que não sou tão culpada...

Constança

Pois é culpa dessedentar um coração ávido de amor! Mas fizeste-me sympathica, digna de lástima. Quando eu passar, dirão baixinho "Coitada"! Que pobreza de encantos! Por isso...E então a rival é Collo de Garça pérola das Hespanhas! (Vendo que Ignez quer falar.) Cala-te! Ah! Eu bem quisera rir, mas não posso... Tu é que rirás desvanecida com a victoria, sem te lembrares do que... Não! Não me queixo! Só te mostro a tua infâmia! (AZEVEDO, 1908, p. 32-34).

Se as personagens de Constança e de Inês, elaboradas por Aphra Behn, já possuíam traços de identidades idealizadas, na peça de Maximiliano Azevedo estamos, pois, diante de uma visão nitidamente melodramática, em que uma situação originalmente ambientada no medievo é relida com as cores do Romantismo, que defende a máxima de que o amor tudo redime.

De qualquer forma, se de um lado a composição idealizada de Constança pode ser interpretada como um traço estético que abarca, de um jeito ou de outro,

as correntes literárias dos séculos XVII e XVIII, não é demais lembrar que, mediante os contextos de produção, a ficção, entrelaçada à História, acaba por refletir certa visão de mundo:

[...] nos países da Europa Ocidental [...] é preciso, de antemão, considerar que boa parte das informações [sobre as mulheres] foi fornecida por homens, e que a imagem obtida revela-nos um olhar masculino nem um pouco neutro. Além disso, boa parte do que foi escrito deve-se a religiosos, inspirados por princípios éticos impregnados pela ideia da culpa e do pecado, que associavam o sexo e/ou a sexualidade ao demônio; e a mulher, a um instrumento demoníaco (MACEDO, 2002, p. 10).

Assim, é completamente compreensível a ideia de mulher-anjo atribuída a Constança Manuel em *Agnes de Castro, or, the force of generous love*, num momento em que, como visão de mundo, ao lado dos valores iluministas vigentes e alaistrados pela Europa, a proposta moderna romântica, de uma forma geral, acabava por abarcar uma visão de mundo patriarcal, segundo a qual se valorizavam os papéis femininos tradicionais, bem como os estereótipos mais robustos ligados ao feminino.

Esse pressuposto nos faz admitir que a própria personagem histórica, reconfigurada pelo e no discurso literário, pode trazer à tona os valores de dada cultura/sociedade, bem como da tradição (patriarcal), agindo potencialmente para a disseminação de uma determinada visão de mundo.

As imagens construídas em torno do feminino vão sendo ora repetidas, ora reformuladas ao longo do tempo nas diversas manifestações artísticas. De tal modo, vejamo-las agora como substrato de narrativas e poéticas de autoria feminina que já estão inseridas num contexto de renovação literária e de maior liberdade de escrita.

Em decorrência disso, ao adentrar o século XX, começemos por deter a nossa atenção no que foi produzido por mulheres em Portugal no período pós-Revolução dos Cravos, já impulsionadas, inclusive, pelas vagas feministas que alteraram consideravelmente modos de ver o mundo e de se compreender a realidade em termos de gênero. Desse ponto em diante, como se configuraria a personagem histórica Constança Manuel?

Seguindo a linha de rastrear a representação da personagem histórica Constança, vejamos a peça *Noites de Inês-Constança*, de Fiama Hasse Pais Brandão, escrita em 2005, no âmbito das comemorações dos 650 anos da morte de Inês de Castro. Nela, convergem diferentes perspectivas em torno do mito inesiano, tais como a do pajem, a da aia, a de Pedro, a de Inês, a de Constança, que se entrecruzam e se confundem, assumindo pontos de vista distintos. Notemos a alusão, por duas vezes na peça, ao quadro *A batalha de San Romano*, de 1432, de Paolo Uccello, que simula uma batalha entre florentinos e sienenses. Conhecido como um mestre da perspectiva, talvez possamos apontar exatamente essa chave para a leitura da peça, uma vez que estamos diante de diferentes pontos de vista que se mesclam, confundindo-se, complementando-se, num discurso poético simbólico, que relativiza o poder da linguagem, conforme corrobora a fala de Inês-Constança: “O real morreu. A realidade acabou. Pode acabar. O que não morre verdadeiramente é só a figura, a imagem” (BRANDÃO, 2005, p. 32).

Assim, a obra *Noites de Inês-Constança* encara o triângulo amoroso mitológico, perspectivando-o para o contexto de finais do Novecentos, em que as perso-

nagens femininas representariam, simbolizariam ou simulariam a opressão contra as mulheres durante o salazarismo, como anuncia o excerto: “No futuro será mais assim. Todos os seres estão acumulados em quem os conhece e ama. Até a morte, pelo menos” (BRANDÃO, 2005, p. 61), corroborado ainda por esta outra fala de Pedro: “Isso dizes tu sempre: cada mulher é parte de outra mulher ou de outras mulheres” (BRANDÃO, 2005, p. 61).

Notamos, nos excertos em pauta, que as personagens femininas desempenham papéis de gênero que endossam a lógica de uma sociedade estruturada pelo poderio masculino, exercendo o que era esperado para as mulheres naquela época, cujo discurso engendra, inclusive, a própria lógica do Estado Novo. A preocupação central dessas personagens femininas recai sobre o cuidado com a casa, o marido e os filhos. Alocadas nesse contexto opressivo, Inês e Constança Manuel representam o constrangimento do feminino diante da impossibilidade de poderem agir para além desses papéis tradicionalmente impostos. O drama de Fiamma Hasse Pais Brandão traz à baila, dessa forma, essa visão crítica em torno das imposições patriarcais, de modo que a sua escrita acaba por reformular criticamente o mito do amor eterno.

Trata-se de uma escrita que já se elabora num contexto formulado em retrospecto, a fim de reclamar um passado duplamente opressivo: para o feminino e para todos que estavam subjugados ao salazarismo. Se de um lado, os homens da peça tudo podem por serem homens, não podemos nos esquecer de que o discurso de Pedro também pode ser lido como contraponto aos desmandos da ditadura salazarista, conforme aponta o seguinte excerto: “Os homens, muitas vezes, mudam o curso natural das coisas, por política, ou mudam os desígnios da Providência” (BRANDÃO, 2005, p. 47).

Em síntese, *As noites de Inês-Constança* confundem e mesclam o silêncio, a solidão e o tempo próprio do amor, uma vez que essa ficção ocupa o espaço da realidade na qual a realização amorosa já se transformou em mito, mas num mito reconfigurado, que não deixa de nos atualizar sobre as questões próprias do contexto em que emergem.

Ainda no século XX, na narrativa “Constança Manuel”, que integra o livro de contos *Infantas de Portugal* (1998), de Júlia Nery, acentuam-se o sofrimento, o desamor, o fado que condiciona a personagem histórica, fazendo-a viver no semi-silêncio, à margem da História. No entanto, quando Júlia Nery constrói sua Constança, desentranha-lhe “o caminho [...] por dentro dos pensamentos”, uma vez que “o silêncio tinha o comprimento do seu medo e a largura da sua esperança” (NERY, 1998, p. 57). Assim, a situação da Constança neryana espelha-se na metáfora do “treino resignado do falcão”, cujo “iludido voo de liberdade” (NERY, 1998, p. 62) se repete todos os dias, sempre com a assistência da prisioneira que, a partir da janela de seu quarto no Castelo de Toro, vê-se refletida na ave. Adquirida a liberdade, a agora infanta de Portugal vive uma mistura de gozo extremo revestido da aparência tranquila e casta, que esconde uma essência efervescente no deleite do amor carnal.

O cheiro fundo do matagal em flor, os pólenes suspensos no orvalho, os hálitos de néctar nos vapores que saem das entranhas da terra, despertaram na memória de Constança as palavras da mística cujo significado profundo lhe foi revelado pelos primeiros amplexos de seu esposo: [...] nisto está a mais íntima união do amor: comer, saborear, ver interiormente... O pudor não permitia à

infanta confidenciar a suas aias o que ela queria gritar às pedras, às flores e aos pássaros; aquele sentimento sem nome que experimenta quando os cabelos do esposo tinham mesclado de rubro o negro dos seus [...] (NERY, 1998, p. 65-66).

A dicotomia que marca D. Constança na óptica de Júlia Nery revela uma personagem completa e complexa, cuja aparência de dama inocente, pura, casta, insignificante e estúpida esconde, no entanto, uma mulher, cuja carne reclama o prazer. Aparência e essência, mulher-anjo e mulher fatal, espírito e carne, esposa e concubina: dois lados de uma mesma personagem ficcional que, no entanto, podem muito bem preencher as lacunas deixadas pela personagem histórica.

Pelo seu olhar recolhido, a maneira de se vestir e de caminhar de forma a não revelar o corpo, falando tão mansamente e não deixando que ninguém lhe surpreendesse a expressão do que sentia, Constança dava de si uma imagem de submissa vulnerabilidade e recolhimento. Protegida pela noite, quando os olhos do outro e os espelhos perdem o seu poder de refletir, transformava-se numa mulher ousada [...]. São os seus dedos que procuram o corpo de Pedro, os seus lábios que percorrem, tomando-o, em êxtase, dentro de si. O jovem esposo perdia o controle na posse daquela mulher tão ruidosa no amor quanto era calada no quotidiano (NERY, 1998, p. 66).

Para além disso, percebemos que a narrativa em pauta procura também promover um acerto de contas com o passado nacional português em pelo menos dois aspectos: de um lado, ao fazer de Constança protagonista da ação, secundariza Inês de Castro e o mito que vem em seu bojo; de outro, ao torná-la personagem principal de uma narrativa que sempre logrou a ela um papel secundário de esposa preterida, reescreve a História oficial, permitindo aos possíveis leitores um novo olhar: temos uma Constança Manuel humanizada em seus conflitos como qualquer outro mortal e, mais do que isso, protagonista de si mesma.

Já nos anos 2000, no romance histórico *Constança: a princesa traída por Pedro e Inês*, de Isabel Machado (2015), vemos a criação de uma personagem decidida a defender sua felicidade depois de tantos infortúnios, cujo sofrimento levou-a a tornar-se forte diante da sina que lhe era imposta, afinal era uma castelhana, proveniente de um reino marcado “pelo poder das mulheres” (MACHADO, 2015, p. 43).

Carregada de trágica melancolia, conforme a autora, a protagonista se transforma, quando traída, em uma “mulher arguta, orgulhosa [...] capaz de vários extremos”, já que “fora dotada de uma rara graça no seu sexo: a inteligência” (MACHADO, 2015, p. 287)⁹. Na perspectiva do romance, Constança é quem teria, por exemplo, convencido o sogro, Afonso IV, a transformar Inês em madrinha de seu primogênito, D. Luís, criando um laço de parentesco entre Pedro e a amante que impediria, de acordo com a Igreja, um relacionamento entre ambos, conforme aponta o excerto:

Se Inês fosse madrinha do infante que iria nascer dentro de poucas luas, o laço que a uniria a D. Pedro tornaria impossível aos olhos da Igreja que os dois viessem a tornar-se amantes. Seria um pecado monstruoso a ligação carnal entre comadre e compadre (MACHADO, 2015, p. 251).

⁹ Em entrevista concedida por Isabel Machado à empresa Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 17 de outubro de 2015.

Ou, quando propõe o exílio de Inês: “Afastar D. Inês de Castro da corte, senhor. Para longe do reino de Portugal, onde não pertence” (MACHADO, 2015, p. 289), que acabará sendo enviada para Albuquerque e, ainda, ao articular o envenenamento da rival, o que acaba por não levar a cabo. Percebemos que a passividade aparente da moça castelhana se transforma em uma mulher decidida, que quer tomar conta de um destino que, pelas páginas da História, afinal, nunca foi seu.

Por fim, a obra *Constança: a princesa traída por Pedro e Inês* revela uma personagem histórica forte, determinada e sagaz. Em termos ocidentais, vivencia-se a quarta onda feminista, que, desde então, vem pavimentando os movimentos de paridade de gênero, impulsionados, sobretudo, pelas redes sociais, pelo ciberativismo (MACHADO, 2018). Tal momento nos remete a novos paradigmas de comportamento relacionados a gênero, estimulando, ao fim, a ideia de empoderamento feminino. Temos, assim, no romance de Isabel Machado, uma Constança que representa o poderio de mulheres ancestrais, que encarna a força do feminino e que, ao cabo, parodia toda uma construção histórica tradicional em torno de sua figura.

PALAVRA FINAL, PELO MENOS POR ORA

Como procuramos elucidar, os textos examinados dialogam com a História, com o mito inesiano, com a memória retomada a cada releitura e com o contexto de produção, conformando a personagem de D. Constança Manuel às exigências e aos condicionamentos epocais.

Nesse cenário, nos textos literários escritos até meados do século XX examinados neste artigo, vimos que a Constança retratada reproduz certos paradigmas de gênero, de forma que o seu protagonismo fica condicionado aos ideais femininos de outrora.

Por outro lado, os textos literários escritos a partir da década de 1970 revelam a tentativa da autoria feminina de conferir protagonismo à Constança Manuel, de maneira a parodiar certos aspectos da narrativa oficial e determinados modelos de comportamento e verdades ditas oficiais.

Outrossim, este artigo, de caráter bibliográfico, não procura esgotar o estudo em torno da personagem histórica Constança Manuel, mas oferece elementos descritivos para estudos futuros e aprofundamento teórico.

Ao revelar aspectos que a História factual não trouxe para a ribalta, vemos que, ao fim e ao cabo, a literatura, por meio do preenchimento de lacunas ou, pelo menos, aventando possibilidades verossímeis, cria uma personagem literária extremamente densa e capaz de incitar-nos a necessidade de desvendá-la o mais profundamente possível.

D. CONSTANÇA MANUEL REREAD BY FEMALE LITERATURE

Abstract: This bibliographic article tries to rescue the character Constança Manuel, bringing to the discussion literary texts, namely by female authors, that dialogue with the historical construction that kept her on the margins of that same history. Therefore, in order to undertake this bibliographic description, we will consider some contemporary perspectives around the feminine,

without disregarding points of view established by the historiographical discourse of past centuries, since we are far from the time constituted by the history of the character for almost seven centuries.

Keywords: Constança Manuel. Historical character. Female authorship. Portuguese literature. Historiographical discourse.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. de. *Ignez de Castro*. Lisboa: Imprensa Luzo-Africana, 1908 [1894].
- BEHN, A. *Agnes de Castro, or, the force of generous love*. [1688]. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/29854/29854-h/29854-h.htm>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- BRANDÃO, F. H. P. *Noites de Inês-Constança*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- MACEDO, J. R. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MACHADO, A. R. Das sufragettes ao feminismo de *hashtag*: uma conversa sobre os novos feminismos. In: ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO, 7., 2018. *Anais [...]*. São Paulo: Design Lab ESPM, 2018. Disponível em: http://anais-comunicon.espm.br/GTs/GTPOS/GT9/GT09_MACHADO.pdf. Acesso em: 28 jul. 2022.
- MACHADO, I. *Constança: a princesa traída por Pedro e Inês*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2015.
- NERY, J. *Infantas de Portugal*. Lisboa: Notícias Editorial, 1998.